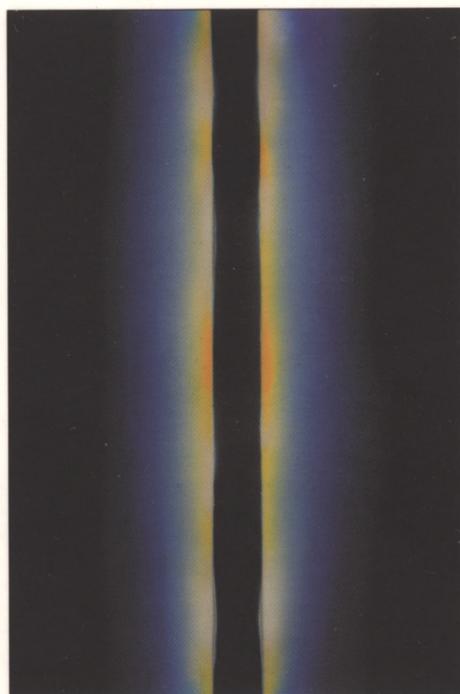


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



TOLERÂNCIAS, INTOLERÂNCIAS

VOLUME 25, 2004

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Tanto a apologia da tolerância como a sua rejeição prevêem o múltiplo. Contudo, a diferença que esta variedade integra funcionou sempre como instrumento de exclusão e matriz de conflitos, raramente promovendo a convivência e a admissão do que é distintamente outro. Porque existiram, então, instantes nos quais a dissemelhança foi invocada como elemento fundador, e momentos, muito mais fáceis de encontrar na linha do tempo, em que a sua recusa fundou impérios ou os fez desmoronar? E por que motivo aquilo que num dado tempo ou lugar foi aceite como expressão de partilha ou de aquiescência, pôde em outros, ou nos mesmos, surgir como o seu negativo? As respostas são infalivelmente variadas, complexas, sustentadas na averiguação de estratégias de exclusão e de inclusão sucessivamente diferidas no tempo. Daí, pois, a importância do conhecimento histórico – e dos saberes que com ele dialogam e o trespassam – para a sua decifração.

O binómio tolerâncias-intolerâncias, plural, implica pois noções contraditórias, diferentes percepções e discursos, leituras integradoras e excludentes de universos partilhados. De certa forma, Mirabeau entendeu-o quando se recusou a pregar a tolerância, uma vez que tal atitude lhe parecia uma forma de defesa da tirania. E Thomas Paine anotava mesmo não ser ela o simples oposto da intolerância, considerando-a antes a sua contrafacção: “São ambos despotismos. Uma arroga-se o direito de impedir a liberdade de consciência, a outra o direito de concedê-la”. Afinal, no latim clássico, “tolerare” significava apenas “suportar”, “aguentar”, e, para Voltaire, era sinónimo de “indulgência” ou de “paciência”. Sempre a limitada condescendência perante aquilo que se afigura “deploravelmente” diverso, mas com o qual se não pode deixar de conviver. Jamais a genuína

partilha, a aceitação plena da diferença. Entender a ambiguidade de ambos os conceitos implica, pois, a anotação dos pressupostos que neles a todo o instante condicionam a aproximação e o afastamento, bem como o esforço de enunciação e vigilância de fronteiras que os determina.

Neste mundo novo, pouco admirável, que emergiu do 11 de Setembro de 2001 sob o espectro pessimista, apocalíptico, de um “choque de civilizações” apelando à barbárie e pairando sobre uma paisagem complexa, multicultural, excitada por crescentes fluxos migratórios, pela desigualdade de direitos e de condições, e pelo impacto da revolução comunicacional em curso, tem sido ampliada a contenda a propósito da admissão, da recusa e da medida do diverso. Mas tem-se alargado também a importância de reconhecimentos rigorosos das situações críticas, em regra provindas do passado, que essas disputas transportam consigo.

É uma participação neste esforço de entendimento que propõe este volume da Revista de História das Ideias. Ele conjuga perspectivas multidisciplinares, integrando o tempo histórico e a intervenção da memória, definidas através de um conjunto de estudos centrados em diferentes experiências, vividas em distintos períodos e lugares, capazes de definirem momentos de conflito em que a recusa do outro, ou a sua razoável aceitação, têm sido equacionados. O conjunto de estudos aqui apresentado proporciona, desta maneira, reconhecimentos ancorados em preocupações e em episódios repartidos por uma duração alongada. Mas remetem também, todos eles, para uma mesma e eterna preocupação. A de se saber em que medida é ou não possível integrar o diverso, ou com ele partilhar uma mesma experiência de vida, sem que tal desperte rasgos de violência ou exacerbe conflitos de identidade.

O Coordenador

Rui Bebiano